

11º CAPÍTULO

OLHÃO VAI-SE MODIFICANDO

“O povo olhanense, desde as suas origens, teve uma maneira de ser e de estar na vida, de sentir, de pensar e de agir muito própria, e até bem singular no contexto do povo português.

São significativos a tal respeito, os testemunhos por exemplo, de Aquilino Ribeiro, Raúl Brandão, Antero de Figueiredo, Raúl Proença, Gilberto Freire, José Dias Sancho e de muitos outros anteriores a estes, os de Baptista Lopes, Estácio da Veiga e Ataíde de Oliveira. Mas esta situação, vai-se modificando. E isso deve-se ao esquecimento gradual de velhas tradições olhanenses, que além de um valor de certo modo ético, começaram a ter também um real valor turístico. A lenta degradação até ao desmoronamento, de antigas instituições características, quer sociais, quer culturais e recreativas, são indícios bem claros de corrosividade, são indícios bem claros de despersonalização.”⁽¹³⁹⁾

Os bailes dos santos populares, à volta dos mastros, e as fogueiras pelas ruas, formando um arraial, onde não faltava o fogo solto, foram desaparecendo. O esplendor das procissões, que atraíam milhares de visitantes a Olhão, também foi esmorecendo. O Dia da Espiga, os dias de descanso passados nos Pinheiros de Marim, eram já apenas uma recordação.

Mas os olhanenses, mantinham duas paixões. O baile e o futebol. Os bailes eram o centro da vida alegre desta terra. Mesmo fóra dos períodos do Carnaval e dos sábados e domingos, chegavam a realizar-se três a quatro bailes por semana. O rádio, o cinema agora virado também para os problemas sociais e depois a chegada da televisão iam moldando um novo ambiente, trazendo novos hábitos nos costumes e na convivência social. Por sua vez a guerra do ultramar, criou contactos entre as várias classes da sociedade e veio abrir novos horizontes, a muitos que tinham uma visão restrita da vida. Os combatentes ao regressarem perceberam que havia uma outra forma de viver, longe de preconceitos e do acanhamento em que tinham vivido, no pequeno mundo de Olhão.” Já ia longe o tempo, em que alguns homens e mulheres de hoje, foram criados dentro de caixotes, num cantinho da fábrica, onde as mães trabalhavam. Agora o tempo era outro.”⁽¹⁴⁰⁾

(139) Antero Nobre - Sp. Olh. 1977 N° 252

(140) José Barbosa - “A Indústria das Conservas de Peixe em Olhão”
In Sp. Olh. 1990 N° 551

Para eles o regresso às fábricas, já não era uma perspectiva que seduzisse a maioria. Com o aparecimento do turismo no Algarve nos anos sessenta, criaram-se novas oportunidades, novos empregos. Muitos deixam Olhão e procuram as novas zonas turísticas. Os estrangeiros começam a entrar nas lojas comerciais e pedem artigos que são novidades para os algarvios, e dão oportunidade para surgirem novos estabelecimentos, para servir um público, que o comércio antigo e rotineiro já não pode satisfazer.

Olhão, que não tem sabido atrair o turista, é contudo ponto de passagem para o embarque dos estrangeiros, para, as ilhas e suas praias. O olhanense que se contentava em mergulhar na doca, na praia do Pedro Zé, ou, junto ao moinho da Barreta, acaba por descobrir a riqueza que tinha à beira da porta; a praia, o sol e um mar de águas quentes.

Os meios de informação e uma maior facilidade de transportes, torna as pessoas e em particular os jovens mais descontraídos. Nota-se que a dependência do operário e do empregado em relação ao patrão vai diminuindo. Escutam-se protestos, pelas condições de trabalho e fazem-se reivindicações salariais. Entretanto vai-se acentuando a diminuição das operárias no trabalho das conserveiras. Das 2.378 operarias em 1950, desce para 1.582, tendo mesmo em conta algumas fábricas que fecharam a queda é significativa. Agora as mulheres sentem repulsa em trabalhar nesse ofício. Os ordenados eram pobres em relação ao que podiam ganhar nos novos empregos que surgiam. Mas para além disso tinham descoberto, que o cheiro do peixe não era convidativo. Começa então a faltar o pessoal feminino. ⁽¹⁴¹⁾

“Se procurarmos bem nas fábricas, veremos as mesmas caras de há vinte anos, mas mais envelhecidas. Desapareceram as que foram para a reforma, para a invalidez, para a emigração, para outros empregos mais bem remunerados, dentro do surto turístico algarvio. Raras aprendizas.”⁽¹⁴²⁾

Embora lentamente, processa-se a mudança das pessoas de uma posição social para outra. Os de condição mais modesta, caminham para um estatuto superior. Por sua vez as classes abastadas e de prestígio social, mercê das condições económicas adversas vão-se degradando. As outrora prestigiadas sociedades recreativas, devido aos arcaicos e fechados processos de admissão,

(141) Números fornecidos por Giuseppe Cocco, Citados por Marino Coelho
In “Mobilidade Social Urbana de Olhão” - 1970 Pág. 291

(142) Giuseppe Cocco, citado in “Mobilidade Social Urbana de Olhão,”
por Marino Coelho - 1970 Lisboa.



ANTÓNIO JACINTO FERREIRA, EM 1974 COM 71 ANOS DE IDADE.

envelhecem estagnadas, morrem em silêncio. O papel que desempenharam na alta sociedade olhanense, hoje é apenas uma triste recordação.

António Jacinto Ferreira, vive estas transformações e escreve:

“Como tudo agora é diferente do antigo Olhão que há mais de sessenta anos eu conheci. Os tempos mudaram e as gentes também. À frente da Capela do Senhor dos Aflitos, hoje temos um parque de automóveis. As pessoas “Novas Gerações”, já não dobram o joelho, nem sequer olham para a santa imagem. Naturalmente por esquecimento, descrença, ou porque o celebre “Parque” as não deixa?⁽¹⁴³⁾

Sempre que pode, recorda a velha vila que ele conheceu e amou e lembra os feitos heróicos do povo de Olhão, e salienta:

“As corajosas olhanenses, mulheres autênticas, capazes dos maiores sacrifícios, para que os seus filhos se tornassem uteis à sociedade. E dou como exemplo o sacrifício de determinado casal, meu vizinho da Avenida 5 de Outubro, que com o seu marido, gravemente enfermo, quase inválido conseguiu (Quase só, a Senhora!) que os seus filhos pudessem ganhar elevada posição profissional e social, em especial a filha, que exerce uma, actividade oficial da maior importância em Lisboa.”⁽¹⁴⁴⁾

“Quando um dia as dificuldades económicas do Olhanense, pareciam impossíveis de vencer, alguém com elevadas responsabilidades na direcção, sugeriu, que o clube, se devia voltar para a pratica de outros desportos e abandonar o futebol. Jacinto Ferreira, lutou contra essa ideia.

Para ele o futebol, é que tinha dado prestígio a Olhão, e a terra precisa do futebol, e a proposta foi abandonada. ⁽¹⁴⁵⁾

Mais tarde aparece um problema, que vinha colidir com os seus princípios. António Jacinto Ferreira, fiel a sua maneira de ser, não pode aceitar o que é proposto. Só tem um caminho a seguir e não hesita, abandona o seu cargo de

(143) António Jacinto Ferreira - In Sp. Olh. 1981 Nº 330

(144) António Jacinto Ferreira. - “Nosso Velho Companheiro de Luta” in Sp. Olh. 1981 Nº 327 - O articulista, refere-se a D. Amélia Rosa Cativo Leonardo (1896-1967) cuja filha, Maria Odete Leonardo Fonseca, sob o pseudónimo de Maria de Olhão tem desempenhado um papel de relevo na vida cultural olhanense.

(145) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta” In Sp. Olh. 1981 Nº 328

presidente do Conselho Geral, mas continua a seguir com interesse a vida do clube.

Olhão foi para ele, a terra que muito amou. Observava as transições sociais, a mudança dos costumes, mas mantinha a sua admiração por esta gente. Já adiantado em idade escrevia:

“Quando aqui cheguei, (1918) em frente da capela do Senhor dos Aflitos, pronunciei a frase “Como tudo nesta terra, é diferente” repito agora (1981) Como tudo é diferente do antigo Olhão, que à mais de sessenta anos conheci principalmente nas gentes e no respeito.

Os tempos mudaram. As gentes também tudo mudou nesta terra de heróis e navegantes, transformados muitos deles em autênticos “arruaceiros”.⁽¹⁴⁶⁾

Jacinto Ferreira não era nem nunca, foi um inimigo do progresso, nem da modernidade. Todo se alegrava, quando uma nova ideia ou benefício material, vinha ajudar o desenvolvimento da sociedade.

Agora o que ele se recusava a aceitar, era que sob o estafado lema da liberdade e avanço social, algumas pessoas espezinhassem outros pondo de parte os mais elementares princípios da liberdade.

Na sua vida nunca atropelou ou prejudicou, fosse quem fosse, para obter uma vantagem. Os seus colegas industriais, viam nele um homem duro no negócios, mas de uma grande correcção nas suas actividades comerciais e sociais. Era um homem e quem se recorria, quando era preciso estudar e procurar soluções para certos problemas.

(146) António Jacinto Ferreira - “Nosso Velho Companheiro de Luta”
In Sp. Olh. 1981 N° 330